**GIORGIO MORANDI E NEOLIBERALISMO SE ENTRECRUZAM NA NOVA**

**EXPOSIÇÃO DE EDGAR RACY NA GALERIA EDUARDO FERNANDES**

FOTOS:

<https://bit.ly/3CyaKxJ>

Residindo em Londres, onde se divide entre o ateliê no qual produz suas próprias obras e o estúdio do consagrado artista inglês **Damien Hirst**, de quem é assistente, o paulista **Edgar Racy** inaugura no dia **22 de outubro**, na **Galeria Eduardo Fernandes**, em São Paulo, a exposição ***Vista Grossa***, uma coleção de trabalhos que tem como ponto de partida um olhar crítico sobre os efeitos da agenda neoliberal no mapa geoeconômico global. Paula Borghi assina a curadoria.

O artista ocupará o espaço com duas séries. A primeira dá nome à mostra e reúne uma dezena de obras feitas em lona encerada de caminhão, no tamanho de 0,90m por 0,90 m, cada uma delas estampando a bandeira de um dos países listados entre os dez mais pobres do mundo em 2020, ano em que foram produzidas. Todas trazem aplicada em madeira a palavra **Fome** na língua do país correspondente. A segunda série, ***Via Fondazza***, apresenta treze telas (em juta pintada sobre placas de alumínio), em tamanhos variados, inspiradas nas naturezas-mortas de **Giorgio Morandi** (1890-1964).

Aparentemente dessemelhantes, as duas séries dialogam entre si no campo semiótico e no uso de materiais triturados - tijolos, telhas, carvão, pratos, garrafas de vidro colorido - relacionados a alimentação e habitação, dois dos direitos fundamentais da vida. (Texto da curadoria em anexo.)

A exposição fica em cartaz até o dia 26 de novembro.

Serviço

***Vista Grossa***

Exposição de **Edgar Racy**

Curadoria de **Paula Borghi**

**Galeria Eduardo Fernandes**

Rua Harmonia, 145 – Vila Madalena

Tels (11) 3812.3894 / 3062.6380

**Abertura, dia 22 de outubro, às 11h**

Encerramento, dia 26 de novembro

Horário de visitação:

Segunda a sexta, das 10h às 19h

Sábado, das 11h às 15h

**Informações para a imprensa:**

**CANIVELLO COMUNICAÇÃO**

**Alan Diniz –** **alandiniz@canivello.com.br**

**(21) 99473.6974**

**Vista Grossa** – por Paula Borghi

Muitas das expressões linguísticas fazem referência às características próprias do local em que se encontram, em decorrência, sobretudo, das nuances culturais, sociais e políticas que as perpassam. São modos de dizer que se comportam como sintomas regionais, que dificilmente conseguem ser traduzidos para outro idioma, quanto mais manter seus significados simbólicos e semânticos em outra língua. Isso porque algumas dessas expressões nada mais são do que arranjos de palavras que vêm ao mundo com o intuito de palavrear aquilo que até então era inefável ou que não podia ser dito com suas próprias palavras.

Ao traduzir para o inglês o título da exposição tem-se, ao pé da letra, “Thick view” e, por uma tradução mais sensível ao seu significado expressivo, “Turn a Blind Eye”. De modo que, ao se mudar a perspectiva do local, a expressão “vista grossa” no Brasil pode ser completamente diferente de “turn a blind eye” nos EUA, por exemplo. Por mais que ambas comuniquem um mesmo assunto, a divergência do entendimento sobre elas é capaz de constituir um abismo naquilo que está subentendido em cada cultura. Não há dúvida de que em qualquer país do mundo pode-se fazer vista grossa, mas isso não significa que esta será feita da mesma forma.

Para além das subjetividades que constituem as características regionais, cabe mencionar o tempo enquanto determinante para a compreensão de determinadas expressões. Por exemplo, fazer vista grossa em um mesmo local nos dias de hoje é completamente diferente do que dez anos atrás. Já fazer vista grossa em locais e temporalidades distintas faz com que seu entendimento seja outro. Assim como na física, tempo e espaço agem juntos no mundo e em sua leitura.

Ao encontro desta percepção, vale mencionar que toda a exposição foi pensada e criada durante um dos períodos mais críticos que a humanidade sofreu nos últimos tempos. ***Vista Grossa***, pelas lentes de **Edgar Racy**, se dirige a uma compreensão sensível do mundo, em que comer é necessidade primeira da existência humana. Partindo do ato de comer como uma luta diária – uma luta pela sobrevivência –, o artista enfatiza o tema com poucas palavras: “Não é nada mais do que além da fome”. É a partir desse ponto de fricção comum, que abarca a humanidade como um todo, que a exposição problematiza a fome enquanto emergência crucial a ser combatida para a preservação da vida.

Assim como na história da humanidade, o tema da fome é um assunto que atravessa a produção artística de **Edgar Racy** há tempos. Faz-se urgente abordar a questão com mais ênfase, sobretudo por meio desse sentir sensível das urgências do mundo diante desse espaço e tempo de crise humanitária. Uma crise de doer a barriga, de sentir o estômago se contrair por estar vazio. Foi a partir da empatia que tocou seu estado de espírito que o artista desenvolveu os trabalhos aqui presentes.

Atentando ao mapeamento dos dez países mais famintos do mundo, numa pesquisa realizada nos anos 2019 e 2020 pela plataforma on-line “Focus Economics” (renda per capita), que **Edgar Racy** tomou como ponto de partida os dados levantados para a realização da série ***Vista Grossa***, homônima desta sua individual. Congo, Moçambique, Uganda, Tajiquistão, Iêmen, Haiti, Etiópia, Tanzânia, Quirguistão e Uzbequistão, nessa mesma ordem, são os dez países em que a fome é o principal afeto que perpassa a vida de sua população; compreendendo afeto como verbo, como ação determinante para se viver.

Materiais relacionados à alimentação e à habitação, duas das necessidades básicas da vida humana, como garrafas de vidro, pratos, tijolos, telhas e carvões moídos sobre lonas desgastadas e remendadas (geralmente usadas para a construção de abrigos) dão corpo às bandeiras de **Edgar Racy**. Seguindo uma estética própria do artista, que combina abstração geométrica e palavras, letras feitas de madeira escrevem os nomes de cada país e a palavra fome em seus idiomas oficiais. Uma vez mais, a referência da linguagem ocorre enquanto sintoma regional, dado que tanto a vista grossa como a fome variam conforme o tempo e o espaço. Uma vez que todos os humanos são capazes de sentir fome, mas não há como comparar o que significa fome atualmente no Congo e na Bélgica, por exemplo.

Assim, se por um lado tem-se a fome, por outro tem-se a abundância; uma vez que ambas são codependentes dentro de uma economia neoliberal. Trata-se da abundância associada ao desperdício e aos demarcadores gritantes de desigualdade social, já que existe alimento suficiente no mundo para ninguém passar fome. Poder-se-ia dizer que alguns países fazem mais vista grossa à fome do que outros? Ou que alguns países fazem mais vista grossa à fome quando não é em seu país?

A fim de evidenciar os extremos desse cruel sistema neoliberal, **Edgar Racy** apresenta a série ***Via******Fondazza***, com treze trabalhos realizados com garrafas de vidro, pratos, tijolos, telhas e carvões moídos aplicados em juta pintada com gesso sobre placas de alumínio. Inspirada nas pinturas de natureza-morta de **Giorgio Morandi** (1890-1964), um dos maiores pintores italianos do século XX, essa série faz referência às imagens de garrafas, de caixas e de esferas, com alguns dos objetos pintados exaustivamente pelo artista. Tendo como homônimo a rua onde **Giorgio Morandi** tinha sua casa/ateliê em Bolonha, na Itália, a série ***Via Fondazza***tem seus trabalhos numerados conforme os números das casas vizinhas ao ateliê do artista.

A respeito dessa sensação antagônica que a exposição sugere, **Edgar Racy** menciona: “São trabalhos tão distantes uns do outros que você nem imagina que uma pessoa que está lá no Congo, vamos dizer, vai pensar que um dia alguém vai colocar aquela garrafa e aquele copo em cima de uma mesa e fazer uma pintura. E que aquela pintura será vendida por um valor maior do que se fossem vendidas todas as casas de uma vila congolesa. Então esse contraponto, essa ligação que não existe, cria uma conversa na minha cabeça”. Como se houvesse uma linha que conectasse, mesmo que por meio da impossibilidade, o tempo e o espaço presentes em ***Via******Fondazza*** e ***Vista******Grossa***.

É com um olhar atento à dissolução dos direitos básicos da vida humana que esta exposição fala sobretudo da fome proveniente de tanta desigualdade social. Dando luz àquilo que se faz evidente a cada esquina, embora muitos sigam a fazer vista grossa, a exposição é um convite sutil e poético para se estar atento às urgências do mundo.